



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**FRANCISCO XAVIER DE VARGAS NETO (2)**

**(depoimento)**

**2016**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-703

**Entrevistado:** Francisco Xavier de Vargas Neto

**Nascimento:** 18/03/1950

**Local da entrevista:** Residência do entrevistado em Porto Alegre

**Entrevistador:** Alexandre Luz Alves

**Data da entrevista:** 01/06/2016

**Transcrição:** Alexandre Luz Alves

**Copidesque:** Isabela Lisboa Berté

**Pesquisa:** Alexandre Luz Alves

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 23 minutos e 42 segundos

**Páginas Digitadas:** 8 páginas

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Motivação para a viagem ao Japão; Formação no Japão; Experiência; Panorama do Judô no Rio Grande do Sul antes e depois da viagem; Hospedagem, rotinas de treinamento e novas técnicas; Dificuldades; O papel de instituições como polícia e universidade no judô japonês; Diferenças e semelhanças entre o judô brasileiro e japonês.

Porto Alegre, 01 de junho de 2016. Entrevista com Francisco Xavier de Vargas Neto a cargo do pesquisador Alexandre Luz Alves para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

A.A – Olá professor, inicialmente eu gostaria que o senhor comentasse qual foi a sua motivação para ir ao Japão se qualificar no judô e como foi esse processo:

F.V. – Eu comecei o judô, em 1960, no ginásio Sparta<sup>1</sup>. Nesse período, e nos anos subsequentes, fomos evoluindo e crescendo na prática sistemática do judô. O Brasil naquela época, a nível internacional, não tinha o renome que tem hoje, isso é colocado inclusive pelos nossos grandes atletas medalhistas olímpicos. O Aurélio Miguel<sup>2</sup> há pouco tempo atrás, quando veio dar um congresso técnico aqui em Porto Alegre, comentou, eu estava presente. Ele disse: “O Professor Chiquinho é de um período em que o Brasil não ganhava de japoneses”. E é verdade o que ele colocou, naquele período competiam dois atletas por país e o Japão classificava os seus dois atletas em cada categoria: ouro e prata invariavelmente. Isso já era certo, os outros países brigavam pelas outras colocações. Raramente aparecia um russo, um francês, um coreano, conquistando o título... A realidade começou a mudar na década de sessenta com o holandês Anton Geesink<sup>3</sup> que venceu os japoneses e se tornou campeão absoluto. E hoje os resultados de competição são muito variados porque o Judô se expandiu e os países evoluíram, cresceram... O judô se desenvolveu muito também em outros países que não o Japão. Talvez um exemplo similar seja a prática do futebol... Pareceu-me, desde o início, que uma forma de evoluir seria treinar no Japão e logicamente não era uma coisa muito simples naquela época. Hoje em dia, um menino juvenil com dezessete, dezoito anos, já pode ter ido ao Japão três ou quatro vezes, viajam pela Europa, competem frequentemente em todo o mundo. Naquele período era bem diferente, eu tive essa vontade de ir ao Japão desde sempre, desde que ingressei no judô. Essa possibilidade veio se concretizar em 1975, quando eu tinha vinte e cinco anos, eu era já treinador da SOGIPA<sup>4</sup>. Tinha algumas experiências em competições, já tinha inclusive conquistado alguns títulos importantes tanto no estado como a nível nacional, bem como por aqui com Argentina, Uruguai e Paraguai, tendo naquela época conseguido

---

<sup>1</sup> Ginásio Sparta.

<sup>2</sup> Aurélio Miguel Fernandez.

<sup>3</sup> Antonius Johannes Geesink.

<sup>4</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre.

as primeiras medalhas do Rio Grande do Sul na categoria principal. Eu tinha dois amigos no Rio de Janeiro, o Edson Leandro da Silva, o “Sansão” e o Ricardo Oliveira, que tinham ido ao Japão em 1974 e com eles obtive algumas informações que foram importantes. Conversei com a direção da SOGIPA, ela possibilitou e incentivou que eu fosse. Uma tia minha que trabalhava na VARIG<sup>5</sup>, Honilda Oliveira Tassinari, me conseguiu a passagem de cortesia, ida e volta. Eu era professor de Educação Física contratado pelo Estado, dava aulas no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, e procurei o Secretário de Educação, coincidentemente eu creio que era Airton Vargas<sup>6</sup> o nome desse cidadão, meu sobrenome, um parente? Ele me negou a possibilidade de que eu fosse e continuasse como professor, ou seja, ele negou uma licença não remunerada. Ele disse que o Estado não poderia conceder este direito. E eu disse: “Muito bem, então eu perderei essa condição profissional porque eu vou”. Na época era bastante importante a colocação no mercado de trabalho, digamos que era a garantia salarial que eu tinha. Ocorre que alguns dias antes de eu embarcar, a Zero Hora<sup>7</sup> faz uma entrevista comigo, página inteira dizendo: “Chico Vargas vai para o Japão e vai perder a condição de professor contratado pelo Estado”. Imediatamente o pessoal da Secretaria de Educação me chamou e disseram: “Não, não é bem assim, nós vamos continuar contigo, a gente vai te dar uma licença não remunerada e quando tu voltares, tu vai continuar sendo professor do Estado”. Aquilo me tranquilizou bastante, pois garantiria minha condição de trabalho ao retornar.

A.A. – Acharam que aquilo seria uma má publicidade?

F.V. – Claro que sim! Mas era, porque eu era bem conhecido naquela época, e convenhamos, eles não iam ficar me pagando para eu ir para o Japão. Eu não ia fazer turismo e eles não iriam arcar com as despesas, eu havia pedido uma licença não remunerada, simplesmente para eu não perder aquela condição de professor. Eles tiveram que voltar atrás em vista dessa entrevista. E por todos estes fatos, eu creio que essa estada no Japão foi fundamental para o crescimento e desenvolvimento do judô gaúcho, e, talvez até me falte um pouco de modéstia com algumas coisas que eu vou dizer aqui, mas eu acredito que foram exatamente assim. Foi o salto de qualidade e o incentivo que faltava

---

<sup>5</sup> Viação Aérea Rio Grandense.

<sup>6</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>7</sup> Jornal de grande circulação editado em Porto Alegre.

aqui para o nosso Estado. A partir de lá eu trouxe alguns conhecimentos importantes, o desenvolvimento de algumas técnicas, os métodos de treinamento, a disciplina e etc. A luta de solo, por exemplo, se desenvolveu muito no judô gaúcho a partir deste período. O judô daquela época treinava pouquíssimo luta de solo, passamos a treinar bastante, a SOGIPA começou a ser respeitada no Brasil inteiro, pela qualidade de seu Ne Waza - luta de solo. Eu acho que a partir disso houve uma transformação muito grande nos conceitos de quantidade e qualidade de treinamento, treinamento fora do dojô<sup>8</sup>, treinamento físico em outro horário, o que veio a fazer com que o judô do Rio Grande do Sul se desenvolvesse e atingisse o patamar de São Paulo e Rio de Janeiro, superando os tradicionais adversários, Paraná e Minas Gerais.

A.A. – O senhor foi o primeiro gaúcho a ir ao Japão?

F.V. – Sim, o primeiro gaúcho a ir ao Japão para treinar. A partir disso vários outros foram. Tínhamos aqui um professor, meu grande amigo, Naoshige Ushijima, conhecido como Nao, ele fez uma carta à mão para o professor Isao Okano que tinha essa conceituada escola no Japão, chamada Seiki Juku, me apresentando e solicitando que eu fosse aceito. Lá treinavam renomados atletas estrangeiros, normalmente europeus, seleções de várias partes do mundo... Eu tenho fotos com a seleção da França, com a seleção da Bélgica, com ingleses, holandeses que iam treinar nessa escola. O treinamento lá consistia em três turnos: um treino às seis horas da manhã de uma hora e meia, treino físico, fortíssimo, um treino fisiologicamente violento, coisa que não estávamos acostumados aqui. Eu já fazia regularmente treino físico, mas o treino de lá era para atleta de altíssimo rendimento. Após voltávamos para o alojamento, tomávamos um café reforçado, se descansava um pouco e às dez horas saíamos para um treino de luta de solo, normalmente no Dojo da Polícia, que ficava próximo ou em alguma Universidade de Tóquio. Depois do almoço e um rápido descanso, das quatro às oito da noite, se fazia um treino completo, um treino geral com muitos “randoris” - luta, combate. Diariamente de segunda a sábado; no domingo descansávamos, lavávamos os quimonos e curávamos as lesões.

---

<sup>8</sup> Área de treinamento de artes marciais japonesas.

A.A. – O senhor já falou um pouco, mas se tiver mais alguma coisa a acrescentar sobre a sua experiência e o panorama do judô antes da viagem ao Japão. O que modificou após o seu retorno?

F.V. – Na realidade, a viagem foi no peito e na raça; com pouco dinheiro no bolso, sem falar japonês, sem conhecer o Japão, sem amigos esperando lá. Foi bastante difícil, eu estranhei muito a alimentação, eu perdi muito peso e o desgaste físico nesses treinamentos era terrível. Foi muito violenta a forma de atingir o patamar físico que eles transitavam. Digamos assim que minha evolução como atleta não foi a esperada, quando eu voltei, como lutador, eu esperava ter resultados melhores. Sinceramente, eu esperava me tornar um atleta internacional, o que não aconteceu. Mas, como eu falei anteriormente, os conhecimentos que trouxemos foram muito importantes para dar uma alavancada no judô do Rio Grande do Sul. E modéstia à parte, a partir disto, lideramos por muitos anos, um grande grupo de judocas gaúchos que com o passar do tempo, conseguiu os resultados que tanto buscamos.

A.A. – O senhor comentou sobre as dificuldades da alimentação... Comente outras dificuldades que foram enfrentadas durante a estadia e quanto tempo foi essa estadia.

F.V. – Eu fiquei oito meses no Japão, dos quais seis meses eu fiquei em Tóquio na Academia ou Escola como eles chamavam, Seiki Juku do professor Okano e dois meses na Universidade de Tenri, lá onde o treinamento era muito forte e os judocas eram chamados de “meninos brilhantes do judô” pela sua excelência técnica. Eu tenho fotos treinando com alguns que se tornaram campeões mundiais depois, eram brilhantes realmente. Quanto a alimentação era complicado, absolutamente diferente da nossa, o idioma também difícil, os costumes e a cultura daquele povo não são fáceis de assimilar. Eu creio que hoje o Japão já recebe os estrangeiros com mais tranquilidade, naquela época, não era tão tranquilo assim. E o fato de que se ia treinar e os japoneses estavam vendo ali alguém se preparando para tentar vencê-los. O que na realidade, com o passar dos anos, veio a acontecer. Já havia acontecido com o grande campeão, que já mencionei, que foi o primeiro a vencer os japoneses, o holandês Anton Geesink, o primeiro estrangeiro a vencê-los. Ele treinava lá, na realidade ele se preparou muito no Japão, era um cara muito grande, peso pesado e venceu os japoneses, incontestavelmente. Estrangeiro treinando lá é a pessoa que está se

preparando para tentar vencê-los, então, o “sarrafo” pegava. Eu, como pesava sessenta e poucos quilos, era complicado, treinava com gente mais pesada... Tem uma coisa interessante: no meu primeiro treinamento, no dia que eu cheguei para fazer o primeiro treino, foi na polícia de Tóquio. Eu imaginava que eu encontraria centenas de judocas do meu tamanho: “Não! Japonês não é pequeno?” Eu chego nesse treino da polícia, e vejo uns duzentos ou trezentos judocas, caras imensos de grande, muito feios, com as orelhas “repolhadas” e o pior, os caras se enfaixando. Isso é uma coisa que nunca saiu da minha memória: os caras enfaixando tornozelo, joelho, cotovelo, ombro, se preparando para a batalha, se preparando para a guerra. E eu olhei aquilo e pensei: “O que eu estou fazendo aqui? O que eu vim fazer aqui? O que eu me arrumei?”. Mas depois o susto passou e a gente enfrentou a situação como tinha que enfrentar mesmo.

A.A. – Comente sobre o local onde ficou hospedado, o local de treino, a rotina, as competições...

F.V. – Era um apartamento bem próximo a Kodokan<sup>9</sup>, que era do professor Isao Okano. Ele tinha sido bicampeão mundial e bicampeão japonês; ele era um cara de setenta quilos e ganhou por duas vezes o campeonato japonês, que é um campeonato absoluto, dominado na maioria das vezes pelos judocas de maior peso. Ele é considerado até hoje um cara fora dos padrões normais, é considerado a lenda e volta e meia é chamado pelo mundo a dar cursos. Os franceses o admiram muito, ele era um gênio no judô e ele abriu essa escola Seiki Juku para receber estrangeiros. Era um apartamento, de quatro dormitórios, onde o pessoal se alojava e alimentava e partia diariamente para os treinamentos. Um treino na manhã físico, das seis a sete e meia da manhã; um treino de luta de solo das dez ao meio dia e um treino geral das dezesseis às vinte horas da noite, conforme já relatei. Se treinava em diferentes locais, o treino físico era feito em uma praça próximo do local do alojamento. O treino das dez ao meio dia na polícia, que ficava perto, e esse treino da tarde a gente variava bastante, nas universidades de Tóquio... Em duas ou três universidades que tinham boas equipes, então, íamos treinar nessas universidades. Depois de mais ou menos seis meses em Tóquio, eu fui para Tenri. Tinha um brasileiro que residia lá, um mineiro, chamado Sérgio Deusdara<sup>10</sup>, que eu já conhecia das competições aqui no Brasil. Fiz

<sup>9</sup> Escola de judô fundada por Jigoro Kano.

<sup>10</sup> Sérgio Paulo Deusdará.

contato com ele e passei mais dois meses treinando lá. Foi muito bom, bem produtivo, pois tinha muitos atletas das categorias de baixo e eles possuíam uma formação técnica muito boa. Lá eu aproveitei bastante a estada, pude conviver com mais tranquilidade, pois o brasileiro já residia há mais tempo...

F.V. – Quando o senhor se refere a categorias mais baixas, se refere a sessenta quilos?

A.A. – É, setenta quilos, setenta e cinco. Imagina com sessenta e poucos quilos treinar com um cara de noventa, noventa e cinco, cem quilos, é complicado. Tu vai ter dificuldade de desenvolver a tua técnica, tu não tens chance praticamente de derrubar um adversário desses. Se tens chance de fazer um treino com um ou dois destes pesos pesados e vários treinamentos com pesos leves, até pode ser muito bom, podes desenvolver algum tipo de técnica de luta mais específica para lutar com o adversário mais pesado. Agora, um sujeito de sessenta quilos treinar o tempo inteiro só com pesadão, não vai ser muito bom, ele precisa ter a oportunidade também de derrubar... Por que com os leves, o treino é muito mais rápido, o treino é muito mais técnico e, portanto, mais veloz. E com o peso pesado nem tem como, o grandão luta mais parado, vai te segurar, vai diminuir o ritmo da luta e tu vais ter de tentar mexer, balançar com aquela montanha esperando a oportunidade do ataque, fica bem complicado.

F.V. – Com relação às competições, professor...

A.A. – Assisti competições muito importantes como o Campeonato Japonês e Campeonatos Universitários, participei de algumas que não foram oficiais, porém competições difíceis. Assisti lá uma coisa muito rara, o Campeonato Japonês de 1975, que é em abril, é no dia vinte e nove de abril, o “Dia do Imperador”. Nessa competição em que um gordinho de quinze anos foi o terceiro colocado, tendo chamado a atenção de todos pela pouca idade. Tendo sido assim, a atração da competição, ele se chama Yasuhiro Yamashita. No ano seguinte ele foi vice-campeão, tendo perdido a final com dezesseis anos, imagina que eu pude assistir ele lutar com quinze anos. No ano de 1977, com dezessete anos nunca mais perdeu, dominou o mundo inteiro por mais de dez anos sem perder uma luta sequer, começou jovem e é considerado um dos maiores talentos do judô até a atualidade.

A.A. – O senhor comentou bastante sobre a polícia e sobre a universidade. São locais de excelência do judô no Japão?

F.V. – São os principais locais de treinamento, os treinos da polícia de Tóquio e as universidades, pois existe uma competição muito acirrada entre as universidades. Os grandes campeões saem desses locais, os da polícia normalmente já são oriundos da universidade, são os judocas que já se formaram. Os da polícia são sujeitos mais velhos, depois que acabam a carreira universitária, mas é na universidade onde eles se formam como lutadores. No ensino médio eles já tem treinamentos fortes nas escolas, e quando terminam, os melhores são escolhidos pelas universidades. Mais ou menos como o modelo americano, os melhores são buscados pelas universidades para fazer parte de suas equipes.

A.A. – Você conheceu a Kodokan? Como foi essa experiência?

F.V. – Uma experiência maravilhosa é o sonho de todo judoca eu tenho muitas fotos.

A.A. – Como foi entrar lá? O primeiro impacto?

F.V. – Arre pia até de pensar agora. A Kodokan cresceu muito, já era imensa naquela época, atualmente possui outro prédio ao lado, maior ainda, com maiores dojôs, tem bibliotecas, refeitórios, alojamentos para os atletas estrangeiros. E o interessante é que o treinamento da Kodokan não era muito forte, talvez por eles, os japoneses, acreditarem que os estrangeiros não tinham condições de acompanhar um treinamento duro. Na realidade mais comercial, a Kodokan é mais comercial, te recebe lá, tu paga as taxas, tu pode inclusive fazer exame para faixa preta ou exame de graus superiores. É um pouco mais comercial, mas mesmo assim é imperdível, não tem como o sujeito ir ao Japão e não conhecer, ser praticante de judô e não conhecer a Kodokan, a academia mãe da nossa nobre arte.

A.A. – Por favor, relate as diferenças sobre o judô japonês e o judô brasileiro e o que o senhor conseguiu trazer de forma prática e aplicar aqui.

F.V. – Nós estamos falando de 1975, eu te falei que o judô brasileiro não tinha o nível internacional que tem hoje. O nível conseguido hoje, foi graças a essas idas e vindas de brasileiros que se deram muito intensamente nos últimos tempos. Hoje em dia, como eu falei, um menino de dezoito anos pode ter ido já quatro vezes ao Japão. Naquela época não. Então, essa troca de experiência era bem mais reduzida, a nossa escola de judô brasileira é uma escola de origem japonesa, diferente de outras. Por exemplo, os russos têm a sua própria escola, já com os franceses, a escola é de origem japonesa também, mas com uma identidade e técnicas de ensino próprias. Mas existem outros países da Europa que tem a sua própria escola, a Alemanha por exemplo, com seus métodos de treinamento muito avançados. A nossa escola de origem japonesa, é uma escola mais de técnica do que de força e naquele período nós ainda estávamos em busca dessa técnica mais apurada. Eu acho que consegui captar algumas coisas importantes que trouxe para cá. Detalhes técnicos que é difícil enumerar, às vezes uma posição do braço, do quadril que muda totalmente o desenrolar da técnica, e como já falei, o desenvolvimento do treinamento de solo.

A.A. – Na primeira pergunta o senhor comentou sobre treinar mais técnicas de solo...

F.V. – Se treinava muito pouco o solo aqui e lá eu vi que eles davam ênfase e importância ao solo também. Alguns professores até falam que a luta de solo e a luta em pé seriam as duas rodas de um automóvel, essas duas rodas não podem ter diferença, uma não pode ser pequena e a outra grande, elas tem de ser do mesmo tamanho para que esse veículo se desloque com regularidade. Eu vi que eles davam uma ênfase bastante grande e isso foi trazido para cá e se passou a treinar bem mais do que antes, até ter um reconhecimento nacional como falei antes.

A.A. – Sobre o judô japonês e o brasileiro...

F.V. – Como o judô japonês era com o qual nós nos espelhávamos, o Brasil desenvolveu bastante essa questão da técnica acima da força e da preparação física, da condição física. Hoje o judô brasileiro é reconhecido a nível internacional e segue a escola japonesa. Posteriormente, aqui em Minas Gerais, nos anos 1980, na USIPA<sup>11</sup>, que é uma usina

---

<sup>11</sup> Associação Esportiva USIPA.

siderúrgica em que trabalhavam japoneses, o Brasil fez um intercâmbio muito grande com professores japoneses, que desenvolveram bastante o judô naquela região e que fizeram com que houvesse um impulso bastante grande na modalidade. Logicamente atingindo São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo. A nossa escola é basicamente japonesa, nós lutamos semelhante aos japoneses e hoje, felizmente, de igual para igual em algumas oportunidades. Pode-se dizer, não tão igual, pois as conquistas dos japoneses são infinitamente maiores que as nossas, porém nosso desenvolvimento técnico tem se aproximando muito mais do que naquele período da década de 1970. Veja-se os resultados internacionais de competições.

A.A. – Tem alguma coisa que eu não perguntei e que o senhor gostaria de deixar registrado nesse sentido da ida ao Japão? Do salto qualitativo, da nossa evolução no judô no Rio Grande do Sul?

F.V. – Talvez se tenha um pouco de mágoa com a falta de reconhecimento da importância histórica das coisas do passado. Nós temos hoje um João Derly<sup>12</sup> que tem três títulos mundiais, uma Mayra Aguiar<sup>13</sup> que tem muitos títulos internacionais, possivelmente uma medalha de ouro nessa próxima olimpíada. Mas eles não surgiram do nada, houveram outras pessoas que anteriormente trabalharam e se dedicaram em prol do Judô. O atual treinador de ambos da SOGIPA, o Kiko, o Antônio Carlos Pereira, foi meu aluno, o professor Maduro<sup>14</sup> que hoje está em Petrolina, que formou bons atletas aqui no Rio Grande do Sul quando foi treinador da ULBRA<sup>15</sup>; o próprio professor Moraes<sup>16</sup> que tu já entrevistou, o professor Alexandre Velly Nunes, foram todos meus alunos, quase todos desde meninos. Houve no passado alguém que treinou “muito” judô, que suou se lesionou e que buscou esse conhecimento, inclusive no Japão, que se entregou de corpo e alma...ainda que não se tenha conseguido, naquela época, resultados internacionais, como agora temos. Uma menina aqui do Gaúcho<sup>17</sup> escreveu um livro sobre a filosofia do judô e foi pedido que eu fizesse o prefácio do livro e eu coloquei ali: “Em algum período da nossa

---

<sup>12</sup> João Derly do Oliveira Nunes Junior.

<sup>13</sup> Mayra Aguiar da Silva.

<sup>14</sup> Luiz Alcides Ramirez Maduro.

<sup>15</sup> Universidade Luterana do Brasil.

<sup>16</sup> Luiz Alberto Figueira de Moraes.

<sup>17</sup> Grêmio Náutico Gaúcho.

vida o judô correu no nosso sangue vinte e quatro horas por dia, todos os dias, **todos os dias**". Por que então alguns acreditam que só hoje se faz treinamento físico em separado, que só hoje se treina todos os dias da semana; não... isso já aconteceu antes, muito anteriormente. E todo esse mérito de quem trabalhou antes, chega hoje de alguma forma, mesmo que subjetivamente, aos nossos atuais campeões, houve historicamente um passado em que se adquiriu experiência técnica, que se demonstraram as coisas, que se fez treinar duro, em que se liderou um grupo de pessoas que hoje estão aí ensinando judô.

A.A. – Mais uma vez, professor, o Centro de Memória agradece a sua disponibilidade. Muito obrigado.

[FINAL DA ENTREVISTA]